

Aluno de Mirim

© 2019 — Sérgio Navarro

Aluno de Mirim

Sérgio Navarro

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.

Fone: 19 3451-0143

www.edconhecimento.com.br

vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão, por escrito, do editor.

Projeto Gráfico: Sérgio Carvalho

Ilustração da Capa: Banco de imagens

ISBN 978-85-7618-490-4

1ª edição - 2020

• Impresso no Brasil • Presita en Brazilo

Dados Internacionais de Catalogação na

Publicação (CIP)

(Angélica Ilacqua CRB-8/7057)

Navarro, Sérgio

Aluno de Mirim / Sérgio Navarro — Limeira,

SP : Editora do Conhecimento, 2018.

98 p.

ISBN 978-85-7618-490-4

1. Umbanda 2. Umbanda – Estudo e ensino

3. Umbanda – Filosofia I. Título

19-2994

CDD — 299.672

Índice para catálogo sistemático:

1. Umbanda

Sérgio Navarro

ALUNO DE MIRIM

1ª edição — 2020





Sumário

Introdução	7
O foco humanista	15
Fechando o ciclo	30
Meu mundo, minha vida: Disciplina	35
Ação e reação: Responsabilidades.....	47
O universo particular: Vibrações.....	61
Alquimia interior: Emancipação.....	74
Umbanda: Caminho para as almas	83
Tempo e maturação	90



Introdução

Há mais de 30 anos Benjamin Gonçalves Figueiredo fez a passagem para o plano espiritual, e pôde constatar, de forma inequívoca, os seus acertos e erros naquela presença encarnatória entre nós. “Erros?” – se surpreendem alguns – e muitos acertos, claro! Não foi fácil estar na pele de Benjamin, que além de pai de família ainda suportou firme a missão abnegada de ser médium de Caboclo Mirim e Pai Roberto. Todos nós, que também abraçamos nossa missão pessoal junto à espiritualidade, sabemos exatamente que, muitas vezes, erramos mesmo querendo acertar, pois somos gente: não há “santos” entre nós, encarnados! Somos espíritos vivendo na loucura deste mundo de ilusão, médiuns que se inspiram num plano invisível, mas que realizam no plano concreto. Que se regozijam, se frustram, choram e riem com sua família, seus irmãos de fé, e no silêncio da intimidade, rogando forças para levantar... porque cair, todos nós caímos! Tais quais as antigas artes marciais, também a “Escola da Vida” ensina a cair

sem se machucar, e logo se levantar e continuar. Só se aprende lutando, se levantando e se aprimorando, sempre! Mais forte, mais experiente, mais determinado!

Estas são as primeiras linhas de um novo livro. Escrever sobre a “escola da vida” não deverá ser uma tarefa das mais fáceis, afinal, vou palavrear sobre cair e levantar? Sim. Vida é MOVIMENTO, é estar nela em plenitude! Por isso Caboclo Mirim sempre foi bastante pragmático: “Tá com problema? Roupa branca e terreiro!”. Eu ouvi isso dele várias vezes. Eu e vários irmãos que, ainda jovens, tiveram a oportunidade de estar próximos a Benjamin e Mirim, no mesmo tempo e espaço. A minha geração, que viveu aqueles dias, tem dificuldade de expressar por palavras as experiências que vivenciamos. Mas fomos testemunhas do poder da Umbanda pela Escola de Mirim, desse caminho claro, onde só cabia cuidar de si, para somar! Uma prática religiosa onde a força do coletivo, espiritual e material, era irresistível em mudar realidades, em criar ambientes de confiança – total confiança – nos Guias e no trabalho de caridade de cada semana, e nos permitir sentir parte de uma verdadeira religião de amor! Com todo o respeito que tenho pelos demais irmãos umbandistas, há quarenta anos atrás acreditávamos realmente que não faltava nada no microcosmo da Tenda Espírita Mirim! Ali era a “verdadeira Umbanda”, e fora dali, tudo era “Umbanda traçada” ou Candomblé. E onde se caminha sem dúvidas no coração, só há espaço para a FÉ.

Aquele universo era composto pela matriz – a tenda fundada e dirigida diretamente por Benjamin e Caboclo Mirim – e as dezenas de filiais e afiliadas espalhadas pelo Rio de Janeiro. Na matriz havia sessões de segunda e sexta (algumas

dirigidas por Caboclo Mirim, outras pelos Abarés-Guassús) e a gira mensal no terceiro domingo de cada mês. Quem quisesse poderia estar todo final de semana em uma gira dentro do ritual da escola, pois tendas é o que não faltavam: chegou-se a mais de trinta tendas vinculadas à Mirim! Sempre havia um aniversário de uma casa, ou mesmo uma gira normal, onde íamos confraternizar.

O umbandista dos dias de hoje não tem noção do que foi a fenomenal liderança espiritual de Caboclo Mirim, principalmente a partir dos idos dos anos de 1940 até os anos 70, quando então o médium Benjamin já contava com mais de setenta anos. A união de valores em torno de uma causa atravessou longe as fronteiras da Tenda Espírita Mirim, uma organização fundada em 1924, portanto, já amadurecida na metade do século passado. Ver milhares de médiuns se inspirando numa só liderança parece impossível para a Umbanda atual, mas foi através desta força coletiva que a nossa religião abriu seus caminhos e afastou as trevas do preconceito. Atualmente, há uma pulverização de “mestres”, e cada um reina em seu pedaço, mesmo todos nós tendo muito mais em comum filosoficamente, do que as aparentes diferenças ritualísticas! Entre os fiéis da Umbanda não é muito diferente. Muitos se animam e entram para o corpo mediúnico, mas no primeiro “não” (como educar sem dizer “não”?) a pessoa pula fora. E possivelmente vai continuar a “pular de galho em galho” até encontrar quem faça suas vontades, ou vai iniciar seu próprio “cantinho de caridade”, onde não precisa se submeter a ninguém mais experiente, claro!

Toda religião é reflexo da sua comunidade, e as comunidades são uma amostra da sociedade em que estão inse-

ridas. Não é a toa que o primado de Umbanda liderado por Benjamin tenha alcançado enorme sucesso no período pós-2ª guerra mundial, em especial nos anos 1960, auge também de grandes movimentos sociais do século XX. Naqueles tempos a juventude ganhou voz, havia um idealismo latente por um futuro de paz, com mais igualdade e justiça social, e milhares se uniam em torno de causas como a luta pelos direitos civis dos negros, ou o fim das guerras, por exemplo. A visão de um mundo melhor passava necessariamente pelo bem-estar de toda a coletividade, algo bem diferente do “cada um por si” dos dias de hoje.

O individualismo exacerbado, característico dos dias atuais, é um fenômeno recente, do final dos anos 1970 e início dos anos 80, assentado na cultura de consumismo desenfreado. A felicidade deixou de ser um estado de espírito visando um tempo futuro, para se tornar refém do prazer imediato, animado e glamoroso. Esta cultura do “agora” e do “novo” faz com que tudo seja usufruído hoje, e logo descartado, o que gera uma eterna insatisfação, devidamente disfarçada com sorrisos postados numa *timeline* qualquer.

Com a tecnologia atual, nunca estivemos tão facilmente próximos uns dos outros, em termos de comunicação e troca de informação. Mas talvez nunca tenhamos estado tão distantes emocionalmente entre nós. Não há empatia, o problema do outro é problema dele, culpa dele. E nessa repulsa por quem está fora da sua “zona de conforto”, cresce a intolerância pelo diferente (social, político, étnico e religioso), gerando uma escalada de ódio que transborda nas redes sociais.

E por que essa reflexão sobre nosso momento atual, sobre o mundo que habitamos? Lembre-se que tudo ao nosso

redor é fruto da soma dos pensamentos que geramos, dos sentimentos que nutrimos em torno de nós, e das atitudes que tomamos, ou não, em relação a tudo isso. Isso é a VIDA, a grande escola!

Como eu disse, antigamente não havia acesso a tantos livros sobre Umbanda, e muito menos internet para navegar em outras correntes dentro da religião. Isso era ruim? Não. Definitivamente a sua vida estava ali, na sua tenda! Mas sempre houve Umbanda fora da Tenda Mirim, e sempre houve aqueles cuja curiosidade era mais aguçada. Escondidos, iam numa Sessão do “Tranca Ruas” do seu fulano, ou na “Cigana” da dona beltrana, ver uma pólvora queimada, ouvir um batuque diferente. Mas era quase uma distração pessoal (e perigosa, vale dizer), pois nada daquilo ali se encaixava na realidade da nossa tenda. E não fazia falta!

Mas, com a internet, vivemos num mundo “globalizado”, onde o negócio é mostrar felicidade e prosperidade nas redes sociais. E mesmo facilitando a comunicação e a troca de informação, trouxe um danoso efeito colateral: a exacerbação da vaidade, pessoal e institucional. O negócio é “parecer”, e não “ser”. A referência para muitos sacerdotes passou a ser a foto bonita, copiar o que é sucesso, numa competição velada. Além disso, hoje em dia há excesso de informação! Alguém vendeu a ideia que você precisa estar “por dentro” de tudo, e que há uma certa vergonha em não dominar os vários aspectos e características das diversas correntes da Umbanda, do candomblé, do *ifá*, dos juremeiros, bruxos, magos etc.. Que papo furado! Eu tive algumas oportunidades de ver essa garotada numa tenda querendo dar aula a uma C.C.T. (sacerdote maior da tenda de umbanda), quase intimidando, e tentando

diminuir quem está ali só para fazer o bem, seguindo a raiz de sua fé. Pior ainda é o “fogo amigo”, quando se fala nas “rodinhas”, pelas costas do sacerdote, incentivando os outros a cobrar, sutilmente, a introdução de rituais estranhos à Escola de Mirim, tipo deitar para o *bori*, festa em dia de santo católico, gira para o “caboclo de couro”, para o cigano, marinheiro, para as “santas almas”, “exú-mirim”... ufa! Infelizmente, alguns comandantes cederam. É Umbanda? Acho que sim. Mas não é a “escola da vida” de Mirim, como veremos mais tarde.

Vivemos dias de um materialismo exacerbado. Materialismo científico e religioso. Enquanto o primeiro só cuida da matéria, o segundo materializou todo o conceito de Deus e suas manifestações, de tal forma que foram se esquecendo da candura e da transcendência da verdadeira natureza espiritual da criação. Religiosos pregam um céu longínquo, misturam as emoções da alma com as manifestações do espírito, e ambos com a linguagem própria do corpo físico. Sem exigir da personalidade a purificação física, emocional e mental tudo vira balbúrdia, sem condições de irradiar a verdadeira luz maior!

Este materialismo religioso é ágil em codificar o divino, vender teologias e apressar o sacerdócio de uma vida. Envolvidos neste clima, muitos jovens devem se perguntar: se está tudo na internet, para que ir à tenda? Para que gastar com transporte, “aturar” conselhos e orientações dos mais antigos dali, e ter de doar um pouco do seu tempo para que aquele espaço seja útil para uma gente que vem e vai sem sequer dizer “obrigado”? Eu acredito que seja pela vaidade, porque lá, no íntimo, a rapaziada tem noção que há um mundo virtual e um mundo real! Só ter *likes* ainda é pouco, então o negócio é dominar esse poder! E quantos médiuns se perdem no caminho,

se associando com “quiumbas” para ser “o cara”, o “dono” da sua própria tenda, para satisfazer o prazer dissimulado pela bajulação, de pessoas carentes de um “salvador” por perto?

Participar de um trabalho espiritual bonito, que te faz crescer como pessoa, vai além das aparências, porque é preciso estar realmente acompanhado de uma espiritualidade superior, que nos inspira. Quando bem selecionados, internet, livros e cursos auxiliam nos primeiros passos, mas na hora de servir como médium, é preciso deixá-los guardados. Será pelo SILÊNCIO mental que evitaremos nossa interferência no fluxo espiritual durante os trabalhos. Volto a lembrar: Umbanda é VIDA, e vida é MOVIMENTO!

Só se acrescenta algo de bom à alma por mérito! É preciso disciplina, dedicação e humildade. É preciso vivenciar e se integrar à egrégora de sua raiz espiritual, e assim as respostas que cada um busca irão aflorar, de dentro para fora, no tempo certo. Essa é a escola da vida: fácil aos olhos – afinal, é só colocar a “roupa branca” e ser assíduo – mas de difícil assimilação, porque não combina com a pressa nem com o “toma lá, dá cá” que se observa no “mercado religioso” dos dias de hoje.

No primeiro livro que escrevi, *Reflexões sobre a Escola de Caboclo Mirim* (EDITORA DO CONHECIMENTO, 2015), apresentei um estudo sobre a Umbanda praticada coletivamente nas tendas, e suas conexões com a tradição e a sabedoria ancestral da humanidade. Aqui vamos nos aprofundar na “escola da vida” no que se refere diretamente ao ser humano e sua jornada evolutiva. Aliás, este entrosamento e harmonia entre o coletivo e o individual é a maior característica da Escola de Mirim! Afinal, “onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou

eu no meio deles. " Jesus. (Mateus 18:20)

Ainda estou nas primeiras linhas, mas desde já rogo aos Morubixabas da Umbanda a inspiração para a consolidação deste trabalho. Um livro, por si só, não muda uma realidade, mas pode servir de inspiração para que cada um, em sua tenda, viva o despertar para sua verdadeira espiritualidade, se desfazendo de tudo aquilo que é *fake*, que vem do ego, deixando assim a luz de sua centelha de vida brilhar mais forte!

A nossa doutrina não conserta a vida de ninguém, mas cria condições para que cada um conserte a sua própria vida de acordo com o seu paladar.

Caboclo Mirim

Refletindo sobre os princípios deixados por Caboclo Mirim, podemos elencar sete aspectos básicos da "escola da vida", que de forma interligada e complementar entre si, são o âmago de TUDO o que aprendemos e praticamos dentro da tenda, e principalmente, fora dela:

- I) O foco humanista
- II) Meu mundo, minha vida: disciplina
- III) Ação e Reação: responsabilidades
- IV) O universo particular: vibrações
- V) Alquimia interior: emancipação
- VI) Umbanda: caminho para as almas
- VII Tempo e maturação



O foco humanista

É preciso que cada filho de Umbanda saiba que o seu trabalho feito num terreiro depende muito e inteiramente da forma como ele vive a sua própria vida material.

Caboclo Mirim.

A escola da vida vai muito além dos rituais, dos graus, dos grandes tambores ou das curimbas que cantamos na tenda, pois tudo isso está a serviço da escola. A escola da vida é a filosofia que sustenta a Umbanda que Caboclo Mirim ensinou, tal qual a alma que mantém um corpo físico. A Umbanda praticada na tenda é consequência da escola, é a parte visível alimentada pela inspiração e pelos ideais emanados pelos grandes morubixabas que conduzem nossa gente. Toda vida humana manifestada é energia condensada, mantida pelo fluxo constante da centelha de vida, o espírito. Não é diferente numa egrégora unida para modificar o ambiente, transmutando a matéria através da mudança de paradigmas, operando

através da construção coletiva de milhares de pensamentos afins dos seus filhos de fé, vibrando numa mesma sintonia.

Nesta escola de despertamento espiritual do filho de fé, ser médium é um detalhe! Caboclo Mirim já alertava: “ser médium só não basta...”

O foco não é o orixá, o foco é o ser humano! É a reforma íntima, pela qual se eleva o padrão vibratório e se alcança um verdadeiro estado de harmonia e paz interior. A prática da escola da vida visa a saúde física, a higiene mental e a aplicação produtiva dos pensamentos para, desta forma, alcançar-se cada vez mais uma vibração íntima em ressonância com a própria centelha de vida. Neste processo de autoconhecimento, é bastante salutar se ter uma ideia um pouco mais ampla de alguns conceitos que envolvem a prática espiritualista, de forma que cada um possa entender o que os guias estão fazendo, colaborando mentalmente pelo sucesso dos trabalhos. Então, antes de adentrarmos na filosofia da escola da vida, vamos situar o ser humano neste universo de energias e vibrações, de uma maneira bem resumida.

“Conhece-te a ti mesmo”

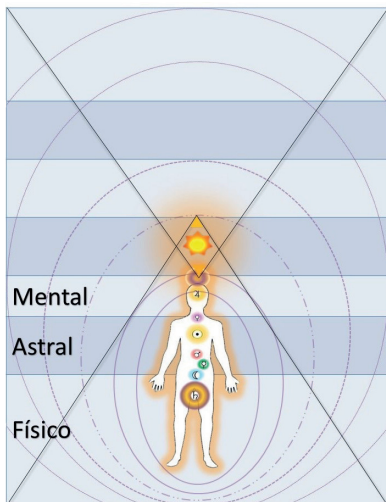
A sabedoria antiga nos ensinou como somos feitos, de maneira bastante racional. Do mesmo modo que a ciência moderna esquematizou toda a vida, física ou química, numa escala de átomos que vibram em diferentes velocidades, os antigos também mostraram que a criação se manifesta em sete planos e vários subplanos que se interpenetram e vibram em frequências distintas. Os nomes desses planos variam entre as escolas religiosas, mas o fundamento é o mesmo: há três Planos “inferiores”, a centelha de vida (o espírito), e mais

três planos “superiores” ou divinos. A imagem ao lado representa um universo vibracional, multidimensional e inter-relacionado. Impossível de desenhar.

Não ousarei discorrer sobre os três planos superiores, que são os que levam adiante o estado de consciência para um contato com o mundo do próprio Divino Criador, mas podemos tentar

ajudar na compreensão sobre a manifestação do espírito neste orbe, onde habita simultaneamente três veículos nos níveis dos planos físico, astral e mental.

Muitas são as tríades aplicadas na nossa Escola. Quem já estudou um pouco vai se lembrar de algumas, tais como o “Triângulo Supremo da Realidade da Vida” (Ação, Reação e Continuação); o “Triângulo Religioso” (Tupã, Oxalá e Yemanjá); a trindade arquetípica da Umbanda (Criança, Caboclo e Preto-Velho); as lições para o despertar do médium (escola de disciplina física, de fonte mental e da indiferença construtiva); os três ciclos iniciáticos em cada grau (Bojá-Mirim, Bojá e Bojá-Guassú / Abaré-Mirim, Abaré e Abaré-Guassú...) dentre outros que comentamos em nosso livro anterior. Então, de forma complementar, vamos analisar a estrutura do ser humano encarnado também por essa visão trina, classificando a constituição humana assim: “corpo físico”, “corpo astral” (corpo emocional/corpo dos desejos/mental inferior) e “corpo mental” (mental su-



perior), mantidos por nossa centelha de vida (o espírito imortal).

A escola da vida nos traz a oportunidade de nos aprimorarmos pelo despertar da nossa semente divina neste orbe. Centelha de vida, antes livre, se faz “preso por vontade”, nas belas palavras de Camões, o poeta. E na jornada de transcendência, sublima a matéria, faz espiritual a experiência humana, ao manter a chama do sagrado acesa no coração, ampliando os limites da nossa consciência. Esse processo de amadurecimento pessoal irá durar encarnações sucessivas, onde se avança mais e mais no desenvolvimento de cada um dos três “corpos” mencionados, o que está diretamente relacionado às três escolas de crescimento, ou ciclos, que formam a essência da “Escola da Vida” de Mirim: a escola de disciplina física, a escola da fonte mental e a escola de indiferença construtiva. Veremos no decorrer do nosso trabalho como a observância dos vários aspectos dessas escolas torna-se o foco central da nossa linda Umbanda!

Os “corpos” mencionados são diferentes entre si, cada qual adequado e apropriado aos diferentes meios de manifestação. Por exemplo, no plano físico, a consciência utiliza o corpo físico, que é formado de matéria física. No plano astral, ela usa o corpo astral, que é revestido da matéria astral do próprio meio espiritual. No plano mental, ela utiliza o corpo mental, que é revestido de matéria mental. Todos estes corpos (físico, astral, mental) portam graus da consciência maior, emanados do espírito (centelha de vida).

Corpo mental

Subdividido em faixas vibratórias, temos nas faixas mais densas o acúmulo dos pensamentos mais materiais e mun-

danos, a soma de tudo aquilo que absorvemos pela cultura, tradição ou pela própria experiência. Mas nas camadas mais sutis se manifestam a inteligência cósmica, irradiada dos planos superiores. Por isso, é tão importante a reflexão, de forma a identificarmos em nossos próprios pensamentos aquilo que é apenas senso comum, pois o espírito, nossa centelha de vida, quer nos ampliar a consciência e elevar nosso padrão vibratório. Mas sem um constante exercício de interiorização, de individualização, continuaremos presos a estados mentais pré-estabelecidos, muitas vezes de baixa vibração. Nós nos tornamos aquilo que acreditamos!

No plano mental o corpo não tem forma, há apenas luz. E não apresenta diferenciação sexual, o que só ocorre em níveis mais próximos da matéria, nos corpos astral e físico. Perceba que o mundo mental não está restrito ao cérebro humano, que age mais como uma central de conexão e distribuição das frequências que por ali passam. Dá para imaginar o pensamento como um “gás” poderoso, que interpenetra qualquer tipo de vida, mas que para agir com a harmonia necessária sobre a matéria densa, precisa de um corpo intermediário, plasmável, moldado pela determinação do espírito. Assim, o “corpo mental” irá se alinhar com um “corpo astral”, de forma que ambos possam se manifestar e experimentar uma vida material.

Corpo astral

As sensações, como sabemos, são muito mais fortes e divorciam-se por completo de nossas mentes afeitas à razão. É da natureza humana criar parâmetros sensoriais, rotulando aquilo que nos gera atração ou repulsão. Assim, tal qual as marés,

estaremos constantemente indo e voltando, nos conectando e desconectando com ideias, sentimentos e pessoas, de modo quase instintivo. Essa energia emocional que interage com o mundo ao redor está diretamente relacionada à substância pela qual é plasmado o “corpo astral” (ou “corpo dos desejos”), a sede do que hoje conhecemos como “inteligência emocional”. Com forma idêntica ao corpo humano, porém mais sutil, o “corpo astral” possui um brilho próprio em função da sua própria vibração energética, o que nem sempre é em função da evolução do espírito. É o intermediário entre o espírito (atuando através do “corpo mental”) e o “corpo físico”, pelo qual interage através do campo energético que envolve este último.

Corpo físico

O que conhecemos por “corpo físico” nada mais é que energia de baixíssima frequência, condensada; nossa parte biológica, de nervos, músculos e ossos com que lidamos todo dia. Caboclo Mirim sempre dizia que é um veículo de grande valor, que traz oportunidade ímpar de aprendizado para o espírito, pelo que precisamos mantê-lo saudável e em equilíbrio, com disciplina, para que tenhamos qualidade de vida e bem estar. Vamos detalhar aqui um pouco mais, a fim de explicar como interage a matéria física com as energias em torno de nós.

Paz e harmonia íntimas passam também por saúde física, claro! Alguns órgãos exercem importantes funções de controle em nosso organismo, regulando o funcionamento da máquina humana. Além daqueles mais conhecidos, como o pâncreas, fígado, ou rins, há outros menos famosos trabalhando incessantemente pelo nosso equilíbrio químico. Por exemplo, as glândulas endócrinas são responsáveis pela produção hormonal, que